



**Rainha Rania**  
Rainha da Jordânia

# Por que razão há ainda tantas crianças que não vão à escola?

## Objetivos

**Explorar** os obstáculos na vida de algumas crianças que não podem frequentar a escola.

**Desenvolver** a sensibilidade dos/as alunos/as para circunstâncias de vida variadas.

**Reconhecer** as barreiras que impedem milhares de crianças de ir à escola.

## Recursos

Ilustração  
Histórias de apoio

## Considerações

Pede-se ao/à professor/a que seja sensível no desenvolvimento da atividade à possibilidade de haver crianças na sala de aula que podem ser afetadas pelos problemas apresentados nas histórias reais.

## Algumas sugestões de abordagem no currículo

Educação para a Cidadania; Estudo do Meio; História e Geografia de Portugal; Ciências Naturais; Português; Línguas Estrangeiras

## Estratégias metodológicas

Trabalho em pares e em grupo  
Debate em grupo-turma  
Assembleia

Duração

**35**  
min

Idade preferencial

**8-11**  
anos

Atividade adaptada por UNICEF Portugal, com a colaboração da Direção-Geral da Educação

A Maior Lição do Mundo é um projeto de aprendizagem colaborativa que apoia a divulgação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. O projeto é uma prova viva da importância do Objetivo Global 17 "Parcerias para o Desenvolvimento" e não teria sido possível sem a ajuda de todos os nossos parceiros que trabalham connosco e entre si.

Um agradecimento à equipa fundadora:

---



Produzido Por:



Distribuído Por:



Traduzido Por:



E agradecimentos especiais às organizações que têm trabalhado connosco em todo o mundo:

---



# Por que razão há ainda tantas crianças que não vão à escola?

## Apresentação da atividade

15'

**1.** Apresente no quadro da sala de aula ou numa tela a ilustração de Nick Sharratt (anexo 1). Peça a um/a aluno/a que leia o seguinte texto:

*Um grupo de crianças de todos os cantos do mundo está sentado num acampamento de verão a falar sobre as suas vidas escolares. Descubrem que nem todos vão à escola e algumas crianças demonstram sentir alguma inveja com esta situação.*

- *Rapaz da Somália: Eu gostava de poder ir à escola para aprender e ver os meus amigos mas tenho de trabalhar o dia inteiro para a minha família ter o que comer.*
- *Rapaz dos Estados Unidos: Quem me dera poder não ir à escola como o Kevin. Não tem de fazer os trabalhos de casa e tem todo o tempo para brincar.*
- *Rapariga da Suécia: Mas tem de trabalhar...*
- *Rapariga da Nigéria: Queria ser jornalista mas não vou ter essa oportunidade porque sou uma rapariga e a minha família pensa que devo casar-me em vez de ir à escola.*
- *Criança do Reino Unido: Vais casar? Mas só tens 10 anos.*

**2.** Peça à turma para descrever as barreiras que impedem algumas destas crianças de ir à escola (por exemplo, pobreza) e os motivos por que têm de trabalhar (por exemplo, ter de ajudar a família). Podem anotar as frases chave no quadro.

## Desenvolvimento da atividade

25'

**3.** Informe os/as alunos/as de que vão investigar um problema e que precisam de pensar como jornalistas. Só podem colocar questões utilizando os seguintes pronomes/advérbios: o quê, quem, onde, quando, porquê e como.


Divida a turma em grupos de dois elementos e distribua uma história real (anexo 2) a cada grupo. Explique que cada grupo vai entrevistar e ser entrevistado por outros colegas.

Por exemplo, pode definir que o grupo que tem a história da Saima entrevista e é entrevistado pelo grupo da Fatima e vice-versa. Os/as alunos/as que ficaram com a história da Malala entrevistam o grupo do Ibrahim e vice-versa.

Algumas sugestões de perguntas:

- Quem é descrito na história?
- Onde vive?
- Como descreves o seu dia-a-dia?

**4.** A reflexão final em grande grupo poderá incidir sobre a importância da educação. O/a professor/a poderá perguntar aos/às alunos/as o que aprenderam com as histórias apresentadas.



Eu gostava de poder ir à escola para aprender e ver os meus amigos mas tenho de trabalhar o dia inteiro para a minha família ter o que comer.

Queria ser jornalista mas não vou ter essa oportunidade porque sou uma rapariga e a minha família pensa que devo casar-me em vez de ir à escola.

Vais casar?  
Mas só tens 10 anos.

Quem me dera poder não ir à escola como o Kevin. Não tem de fazer os trabalhos de casa e tem todo o tempo para brincar.

Mas tem de trabalhar...

## HISTÓRIAS REAIS TRABALHO INFANTIL



Nome *Saima* Idade *7*  
País *Bangladeche*

Saima é uma rapariga de sete anos, filha de uma família muito pobre do Bangladeche, que vive e trabalha em Dhaka, a capital do país.

Há alguns meses atrás, Saima passava dias inteiros a vasculhar as enormes lixeiras que se amontoavam à volta de um dos bairros de lata mais pobres de Dhaka, em busca de trapos velhos. Quando juntava uma quantidade suficiente para vender, levava-os a um lojista local que lhe dava meia dúzia de cêntimos pelo fardo do dia.

Recentemente, Saima começou a frequentar um centro para crianças, onde podem estudar e brincar. Saima está agora a começar a aprender noções básicas da sua língua, o bengali, de matemática e de ciências. Quando lhe perguntam o que mais gosta de fazer neste espaço para crianças da sua idade, Saima não hesita “Nas aulas, gosto de ler e escrever. E também gosto de cantar e dançar”.

Para saber mais visite: <https://www.youtube.com/watch?v=YhYIVBpeQaA>

## HISTÓRIAS REAIS CRIANÇAS REFUGIADAS

Nome *Fátima* Idade *9*  
País *Síria*



Fatima vive com a sua família num campo de refugiados em Tishreen, nos arredores de Aleppo, capital da Síria. A família teve de abandonar a sua casa quando esta foi destruída por uma granada.

No campo de refugiados, as condições de vida são difíceis. Como não podem ir à escola ou participar em atividades para crianças, as raparigas e os rapazes que vivem em Tishreen ajudam as suas famílias. Para além de carregarem água, muitos tomam conta dos irmãos mais novos e ajudam nas tarefas domésticas.

“Sinto-me tão cansada de carregar água para a minha tenda todos os dias. Já não tenho forças nos braços (...). Em média, vou buscar água 10 vezes por dia”, afirma Fatima.

Fatima quer voltar à escola, mas a sua mãe está preocupada com a sua segurança e só a deixa ir, se for perto do campo onde agora vivem.

## HISTÓRIAS REAIS DISCRIMINAÇÃO

Nome *Malala* Idade *17*  
País *Paquistão*



Em 2009, uma rapariga paquistanesa chamada Malala Yousafzai escreveu um diário para um canal de televisão inglês, BBC, depois de ter sido forçada pelos Talibãs a abandonar a escola. Os Talibãs são um grupo de pessoas com opiniões extremistas que pensam que as mulheres não devem frequentar a escola depois dos oito anos de idade.

Malala tinha 11 anos quando os Talibãs se apoderaram da sua cidade natal, Mingora, no Paquistão, e ela e as suas amigas foram forçadas a abandonar a escola. Malala decidiu escrever num diário as suas emoções e a injustiça que sentia e partilhá-lo.

*Tenho medo, 3 de janeiro de 2009*  
*Ontem tive um sonho horrível. Sonhei com helicópteros militares e os talibãs. Tenho estes sonhos desde o lançamento da operação militar em Swat. Tenho medo de ir à escola porque os Talibãs emitiram uma lei proibindo todas as raparigas de frequentarem a escola. Apenas 11 dos 27 dos meus colegas foram à escola. O número diminuiu por causa desta lei.*

Malala encontrou uma maneira de ir à escola contra a vontade dos Talibãs, mas acabaram por descobri-la e quando ela tinha apenas 15 anos, dispararam contra o autocarro em que seguia e atingiram-na na cabeça. Ficou gravemente ferida, mas sobreviveu. Malala frequenta agora uma escola e está protegida. Tornou-se uma ativista a favor da educação das mulheres e é a mais jovem vencedora do Prémio Nobel.

## HISTÓRIAS REAIS CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA

Nome *Ibrahim*

País *Níger*

Quando Ibrahim tinha três anos, a poliomielite paralisou a sua perna esquerda. A poliomielite é uma doença que causa paralisia dos braços e das pernas e, embora não tenha cura, existe uma vacina que impede que se contraia a doença.

No início, os pais de Ibrahim, tal como muitos outros pais de crianças deficientes no Níger, não o inscreveram na escola. Tinham receio que os colegas fizessem troça dele, e estavam convencidos de que a educação não seria muito importante para ele.

Apesar da sua deficiência, e das dúvidas dos pais, Ibrahim estava decidido a ir para a escola. “Quando tinha oito anos”, diz Ibrahim, “as crianças da minha idade iam à escola e eu ficava em casa. Era uma coisa de que eu não gostava nada. Por isso, pedi muito aos meus pais e eles acabaram por me deixar ir à escola.”

Os pais de Ibrahim matricularam-no então numa escola privada perto de casa. Segundo a professora, Ibrahim é um dos cinco melhores da sua turma.

